

Rupturas e recriações de imigrantes brasileiras em Roma

Isabela Cabral Félix de Sousa^{404}*

Introdução

A vida em si é um processo de rupturas e recriações. Toda a experiência humana sempre foi constituída de arranjos e rearranjos, mas a temporalidade e a mobilidade estão cada vez mais presentes nas relações de afeto, estudos, trabalho e lugar para moradia. E é na força do provisório da vida que são mais fortemente questionadas tanto a identidade como a integração social.

Existe um aumento da necessidade de lidar com os sentimentos relacionados a mudanças no processo migratório visto que elas são vividas a um só tempo. Com as mudanças simultâneas, há necessidade de rupturas de alguns laços afetivos, lado a lado com a urgência da construção de novas interações pessoais e institucionais (para conquista de trabalho e acesso a educação, saúde e documentação). Recriações de vínculos em outros contextos tendem a ser, inicialmente, extremamente difíceis do ponto de vista pessoal, pelo desconhecimento cultural e pela falta de preparo emocional para situações inesperadas. Do ponto de vista social, a reconstrução da vida depende também do acolhimento de outros e de oportunidades. É frequente que, nos locais para os quais chegam os imigrantes, nem pessoas nem instituições estejam muito organizadas para o acolhimento de estrangeiros. Além disso, a acepção da integração social é variada, seja para pessoas que chegam, seja para as que acolhem. Na prática, esta integração costuma não ser completa, e a parcialidade ocorre por diversos motivos tal como a dificuldade dos que chegam de assumirem para si mesmos que a vida tomou outro rumo. A integração social também é difícil por parte das pessoas que acolhem por não conhecerem muitas esferas da cultura dos que chegam, pela surpresa da situação e pelo questionamento da validade de investir numa relação com, supostamente, mais riscos de ser provisória. Tanto por parte dos que chegam como dos que acolhem, muitas vezes há ainda a necessidade de se proteger demarcando um espaço próprio, idealizado como superior, mas isso dificulta as interações.

Contudo, os imigrantes, no início da vida em outro local, têm imensa necessidade de serem acolhidos. E a rejeição vivida por eles pode ter um grande peso e ser experimentada com muita dor, visto o imperativo de uma reconstrução rápida de vida em várias esferas. Mas, apesar da dor, há também a alegria de sonhar uma nova história e se sentir fortalecido com a possibilidade de reconstrução.

404 * Pesquisadora em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Doutora em Educação Internacional / Intercultural pela University of Southern California, Estados Unidos.

É refletindo sobre a ambiguidade do recomeço de uma nova vida que este estudo sobre as mulheres brasileiras em Roma centra-se em alguns depoimentos de rupturas e recriações vivenciados no processo migratório.

Brasileiros na Itália e o processo de feminilização da migração

De acordo com Bógus,⁴⁰⁵ a Itália, há quase três décadas, era o segundo destino escolhido por imigrantes brasileiros na Europa, depois de Portugal. E, há quase vinte anos, estimava-se que os brasileiros na Itália eram 20.804, o que os colocava na posição da vigésima segunda das trinta comunidades com grande presença de imigrantes na Itália.⁴⁰⁶ D'Angelo⁴⁰⁷ afirmou que, neste mesmo período, na Itália, as cidades com mais brasileiros eram Roma (4.381), Milão (3.032) e Turim (1.153).

A proporção de homens para mulheres brasileiras na Itália, no ano de 2001, indicava uma prevalência de mulheres, e a sua presença estava relacionada com 65,4% do total.⁴⁰⁸ Assim, estudar a imigração brasileira na Itália, como outras comunidades com mais mulheres que homens, era essencial para entender os desafios de mulheres que estavam se deslocando de um país subdesenvolvido para um país desenvolvido.

De fato, as mudanças no papel da mulher e da globalização nos países de origem e de destino vêm contribuindo para a feminilização da migração. Sutton⁴⁰⁹ argumentava há duas décadas que havia uma necessidade de se produzir uma perspectiva também de gênero nos estudos sobre a migração transnacional. A importância do papel da mulher nas migrações é cada vez mais reconhecida. Zlotnik⁴¹⁰ argumenta que, se comparada, a migração feminina com a masculina, de 1960 até 2000 no mundo inteiro, guardadas as diferenças culturais e nacionais, o aumento da migração feminina foi relativamente pequeno, de 47% a 49% em termos proporcionais. O que a autora assinala como uma grande transformação é que mais mulheres vêm migrando de modo distinto do passado, isto é, independente de sua família, sendo protagonistas no processo e se tornando chefes de família, sendo seus trabalhos, em terras estrangeiras, cruciais para a renda familiar.⁴¹¹

Embora a presença dos brasileiros imigrantes fosse reconhecida oficialmente em números por muitas associações e instituições italianas, Bógus e Bassanezi⁴¹² enfatizaram que imigrantes com ou sem documentação eram igualmente submetidos a preconceito e discriminação na Itália. Como de costume, preconceito e discriminação têm marcado

405 BÓGUS, Lúcia Maria Machado. Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar. In: PATARRA, Neide L. (Org.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. Programa Interinstitucional. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p. 111-121.

406 CARITAS ROMA. *Immigrazione Dossier Statistico 2003*. XIII Rapporto sull'immigrazione – CARITAS / Migrantes. Roma: Nuova Anterem, 2003.

407 D'ANGELO, Alessio. L'immigrazione latinoamericana in Italia. Spunti d'analisi statistica-demografica. In: CONVEGNO INTERNAZIONALE: I LATINOS ALL' SCOPERTA DELL' EUROPA. Nuove migrazioni e spazi della cittadinanza. Gênova, 2004.

408 CARITAS ROMA. *Immigrazione Dossier Statistico 2002*. XII Rapporto sull'immigrazione – CARITAS / Migrantes. Roma: Nuova Anterem, 2002.

409 SUTTON, Constance. Some thoughts on gendering and internationalizing our thinking about transnational migrations. In: SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina (Eds.). *Towards a transnational perspective on migration*. Race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered. *Annals of the New Academic of Sciences*, Nova York, v. 645, p. 241-249, 1992.

410 ZLOTNIK, Hania. *The global dimensions of female migration*. 2003. Disponível em: <www.migrationinformation.org/Feature/display.cfm?ID=109>. Acesso: 1 ago. 2004.

411 Ibid.

412 BÓGUS, Lúcia Maria Machado; BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo. Brasileiros(as) na Itália: nuovi cittadini ou extracomunitari? In: CASTRO, Maria G. (Org.). *Migrações internacionais: Contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, 2001. p. 409-425.

encontros com as diferenças culturais, e a maioria dos brasileiros imigrantes, em geral, não têm nem a aquisição linguística e cultural nem as conexões necessárias para superar facilmente as barreiras de integração social. Assim, este estudo nasceu privilegiando focalizar a integração social dos imigrantes, dando voz às opiniões das imigrantes sobre o desencadeamento desse processo.

Metodologia

A pesquisa realizada é qualitativa, tendo utilizado técnicas etnográficas, como conversas informais e entrevistas planejadas. O contexto estudado incluiu as diferentes ocasiões e as localidades onde foi possível encontrar migrantes brasileiros vindo em Roma.

As entrevistas utilizadas tiveram perguntas fechadas e abertas. As questões fechadas foram selecionadas a partir de um questionário abrangente desenvolvido no Departamento de Demografia da La Sapienza e utilizado em outras pesquisas anteriores com outras comunidades de imigrantes que vivem em Roma.⁴¹³ As questões em aberto foram geradas nesta pesquisa para tratar especificamente de questões de gênero. A estratégia para a seleção inicial seguiu o critério de participação em atividades sociais. Portanto, foram selecionados, primeiramente, os brasileiros que se encontravam em grupo. Após os contatos iniciais, foram sempre pedidas informações sobre outros brasileiros que pudessem participar, procedimento denominado bola de neve. Os dados foram coletados nas entrevistas marcadas e a partir das notas de campo, oriundas das conversas informais com mulheres e homens presentes em atividades sociais.

Os temas abordados durante as entrevistas com as mulheres imigrantes foram relacionados ao: presente e passado nas atividades educacionais e de trabalho no país de origem e de acolhimento, tratamento em saúde nos dois países, saúde reprodutiva, opiniões das instituições a que tiveram acesso em Roma, e participação em redes sociais que ajudaram na sua integração social. Estas perguntas foram anônimas e seguiram os procedimentos éticos, visto que tanto questões do status de documentação num país estrangeiro como as de saúde reprodutiva podem causar constrangimentos.

O método para análise escolhido foi o da análise de conteúdo. Bardin⁴¹⁴ cita, entre as possibilidades de análise de conteúdo: a categorial, a de avaliação, a de expressão, a das relações e a do discurso. Para este trabalho, escolheu-se a categorial temática, por ser a técnica de análise de conteúdo mais antiga, rápida e eficaz para aplicação a discursos diretos.

Ressalte-se que o foco desta pesquisa era as experiências das mulheres brasileiras imigrantes, buscando-se alcançar veracidade e o maior grau de representatividade do fenômeno estudado. Considera-se a pesquisa relevante não só por tratar de problemas de desenvolvimento individual e social, mas, sobretudo, pela possibilidade de ampliação do conhecimento na área.

A principal questão desta pesquisa foi descobrir em que medida a migração contribui para o fortalecimento feminino a partir da subjetividade das mulheres entrevistadas.

413 BONIFAZI, C. et al. Measuring migrant integration in the nineties: the contribution of field surveys in Italy. *Studi Emigrazione / Migration Studies*, Roma, v. 40, n. 152, p. 855-884, 2003.

414 BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

Este estudo centra-se em alguns depoimentos de rupturas e recriações vivenciados no processo migratório pela população brasileira que teve contato em Roma.

Resultados sociodemográficos

Os dados foram coletados a partir de entrevistas orais e por meio de notas de campo sobre observações em lugares selecionados onde os brasileiros se reúnem em Roma. Os locais escolhidos foram o Consulado e a Embaixada do Brasil, uma galeria de arte, uma pizzaria, duas igrejas, dois restaurantes, um bar, um ponto da praia e uma associação brasileira para as mulheres. De dezembro de 2003 a agosto de 2004, entrevistas em profundidade foram realizadas com 46 mulheres.

As 46 mulheres entrevistadas eram provenientes de 13 diferentes estados brasileiros, o que demonstra a diversidade de origem regional. As mulheres tinham entre 25 e 59 anos. O tempo de estadia das entrevistadas em Roma variou de seis meses a 22 anos, sendo que 26 mulheres tinham chegado nos últimos três anos, isto é, de 2001 a 2004. Seis das mulheres entrevistadas tinham ancestrais italianos. Cinco mulheres entrevistadas tinham a cidadania italiana, três destas por motivo de casamento e duas por terem ascendência italiana.

No tempo de coleta de dados, 25 mulheres se declararam solteiras. Dentre as que tinham companheiros italianos, 12 eram casadas oficialmente. Apenas 11 mulheres não tinham experimentado migração interna no Brasil, o que é um resultado muito interessante, porque rupturas e recriações para viver em novo local já tinham sido experimentadas pela maioria no próprio país.

A maioria, isto é, trinta mulheres entrevistadas, estudaram o italiano apenas em Roma, demonstrando uma ausência de preparo linguístico e socialização antecipatória para viver em outro país. Em geral, a emigração também não foi longamente planejada e houve falta de acesso a cursos de italiano.

A maior parte das entrevistadas, 33, alegou ter permissão legal para permanecer na Itália, e três esperavam documentação. No entanto, a permissão legal não necessariamente levava as mulheres a trabalharem em ocupações desejadas e para as quais tinham qualificação formal. Constituía-se, assim, algumas vezes, apenas em estratégia de permanência no país, em empregos não tão desejados, com a esperança de mudar depois. Ressalte-se também que a legalidade das mulheres casadas com italianos nem sempre propiciou facilidade de inserção no mundo do trabalho. A grande maioria das entrevistadas, 39 mulheres, completou o ensino médio no Brasil, sendo que, destas, vinte já tinham também diplomas universitários.

Outras entrevistas foram também realizadas com três pessoas-chave, por desempenharem papéis ativos na integração social de brasileiros em Roma. Uma delas era a presidente da Associação para as Mulheres Brasileiras. Ela era originária do nordeste do Brasil e vivera em outros países europeus, antes de ir para Roma, onde fundou a associação. Ela também explicou ser a primeira pessoa em sua família original a ganhar um diploma universitário e ter um passado pessoal de atividades políticas no Brasil. A outra pessoa-chave era um padre que, apesar de não ser brasileiro, viveu no país e adorava a comunidade brasileira. Este sacerdote não só oficiava missas em português, mas também ajudava brasileiros em suas necessidades espirituais e materiais. Finalmen-

te, a terceira pessoa-chave era outra mulher, nascida na região sudeste do Brasil, e que sempre trabalhou com atividades voluntárias, tanto no Brasil e quanto na Itália. Em Roma, ela teve, por 15 anos, um papel voluntário ativo de reunir brasileiros e, também, tentar ajudá-los a satisfazer as necessidades básicas, tais como conquista de trabalho e habitação. Ela foi a primeira pessoa a emigrar da sua própria família e ajudou a trazer outros 35 membros da família.

Depoimentos de brasileiras sobre momentos de ruptura e recriações

É refletindo sobre a ambiguidade do recomeço de uma nova vida que este estudo sobre as mulheres brasileiras em Roma centra-se em alguns depoimentos de rupturas e recriações vivenciados no processo migratório. Com as rupturas, há a necessidade de lidar com perdas e vivenciar o luto para reconstruir uma nova vida. Este processo de lidar com perdas na migração pode ser pensado com os cinco estágios de luto propostos por Elisabeth Kübler-Ross.⁴¹⁵ Segundo esta autora, esses estágios referem-se a negar o que está acontecendo e isolar-se, sentir raiva, tentar negociar com a realidade, sentir-se deprimido e, finalmente, aceitar a realidade. Esses estágios são separados apenas para fins didáticos e não se pretendem lineares ou isolados um do outro. Há constantes idas e vindas nesses estágios comuns na elaboração de perdas. Assim, o estágio da negação pode ser ilustrado no seguinte depoimento de uma mulher de 25 anos com um diploma de graduação do Brasil, trabalhando no escritório de seu namorado em Roma:

Quando cheguei à Itália me apaixonei pelo marido italiano da minha prima. Eu não podia acreditar em toda a situação. Senti-me extremamente deprimida e isolada com essa situação inesperada, porque eu vim para ajudar a minha prima e eles têm um filho juntos. Eu perdi muito peso, estava sozinha e chorei por muitos meses.

Embora em qualquer local do mundo uma situação como esta pudesse ocorrer, o fato de não conhecer previamente o marido da prima é mais possível numa situação de migração. Há aí a situação inesperada de uma paixão que rompe com os paradigmas da família que ela paradoxalmente se deslocou para cuidar. Então, a sua primeira reação foi a de negar a situação.

Já o estágio da raiva pode ser visto no depoimento de uma mulher de 44 anos, tendo concluído apenas o ensino fundamental no Brasil e trabalhando em Roma num restaurante:

Eu fui presa em Tijuana, México, com meus dois filhos, por 22 dias. Os policiais me trataram mal. Eu estava com medo de ser abusada sexualmente. A comida era horrível, e eu tive que comprar comida. Eu tive muita raiva de toda a situação. Depois de algum tempo, eu decidi vir para a Itália em vez de ir para os Estados Unidos. Eu vivo agora uma vida calma, mas estou separada do meu ex-marido devido ao nosso projeto de migração. Ele está no Canadá. Eu também me sinto mal porque eu também estou sendo discriminada na Itália.

415 KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins, 1985.

O estágio de raiva é aparente numa situação extrema como o desta mulher que há anos foi presa, mas em que seu projeto migratório com o marido ainda não havia se consolidado. Falar de um impedimento continuava a gerar raiva, até porque ela ainda sofria muitas consequências de não ter conseguido ir morar nos Estados Unidos.

O estágio da negociação com a realidade pode ser visto no depoimento de uma mulher de 33 anos, que trabalhava como babá, e havia iniciado seus estudos de graduação no Brasil:

Mesmo que eu tenha renascido aqui e entrado no ritmo da vida italiana, eu não tenho certeza dos meus sentimentos positivos para esta situação. Algo parece faltar. Mas eu tenho a esperança de que estar aqui é o melhor para mim.

Esta mulher mostra que está pesando na balança os sentimentos bons e ruins de estar na Itália. Neste depoimento não há nenhuma situação concreta a qual a entrevistada nos remete, é a sua avaliação subjetiva que interfere na balança.

O estágio da depressão pode ser visto no depoimento seguinte, fora do contexto da entrevista, de uma mãe que me conta, chorando, no momento que a conheci e que fui apresentada a ela, junto a demais pessoas no bar, que estava sofrendo com a impossibilidade da filha se reunir a ela, depois da experiência da deportação. Agendei a entrevista para o dia depois deste depoimento em que ela chorou muito. Esta mulher de 38 anos, que tem diploma do ensino médio brasileiro e trabalha em serviços domésticos, relatou na entrevista:

Apreendi que a família é muito importante. Eu me sinto muito frustrada agora que minha filha foi deportada e estou longe do meu marido também. Desde que soube, eu não sinto vontade de fazer mais nada aqui, fiquei sem energia. Se o meu marido e minhas duas filhas são incapazes de se juntar a mim, eu prefiro voltar para o Brasil sem a compra de uma casa, que era o nosso plano. Tudo é caro aqui também.

É claro que o sentimento de depressão e tristeza desta mãe revela uma perda muito maior que a deportação em si, mas a necessidade de uma revisão de projeto para família e da sua necessidade de retorno ao Brasil.

Finalmente, o estágio de aceitação é o ponto de partida para tomar o melhor proveito da situação migratória. Por exemplo, uma mulher de 37 anos que estudou Arquitetura no Brasil e trabalha em um restaurante, disse:

Depois de mais de uma década com muitas dificuldades por aqui em Roma, agora estou construindo uma pousada no Brasil com a minha amiga brasileira que vive na Inglaterra. Neste processo todo, eu mudei muito como pessoa, me tornei uma pessoa mais humana e respeitosa.

Aceitar a vida como ela se desenvolve no processo migratório pode ser encarado como a abertura para recriações. Assim, estes estágios de luto são também de retomadas. É inegável que pode haver grande fortalecimento pessoal, cultural e social advindo do processo migratório. Um grande exemplo nesse sentido é o de uma mulher de 55 anos que tinha diploma de ensino médio, e que sempre trabalhou como técnica de en-

fermagem, empregada doméstica e voluntária em organizações não governamentais (ONGs) no Brasil e em Roma:

Eu estou bem integrada aqui, talvez porque eu estava chateada com o meu país. Durante o meu tempo na Itália, tive muita vantagem de conhecer bem uma cultura tão importante como a italiana, ter viajado para muitos países em férias e ter feito amizades com pessoas cultas e com diplomas universitários dos mais variados. Eu voltei para o Brasil por um tempo, quando minha mãe ficou doente, mas depois voltei para Roma. Aproveito as oportunidades de estar aqui.

O processo migratório pode refletir uma estratégia relacionada à perda anterior. Nesse caso, a tentativa de recriação está em pauta antes do início do processo migratório, e os estágios de luto se iniciam antes do deslocamento físico propriamente dito. Por exemplo, uma mulher de 33 anos, com um diploma de graduação, trabalhando como garçonete e no serviço doméstico disse: "Saí do Brasil porque me separei do meu ex-marido e eu queria ajudar meus filhos".

Há casos ainda em que as perdas que resultam no processo migratório são iniciadas num tempo bem anterior à migração e fazem parte do projeto migratório familiar. Por exemplo, uma mulher de 30 anos, com diploma do ensino médio, trabalhando como babá disse:

Tornei-me órfã quando eu era criança. Isto mudou minha vida. Minha irmã mais velha me ajudou. Uma delas estava na Itália. Então, ela me incentivou a vir, mas eu preferiria estar em outro lugar que não sei bem qual é.

Alguns depoimentos foram dados fora do contexto das entrevistas e eles são reveladores das coisas que as migrantes desejavam elaborar, mostrando como os sentimentos podem ser ambíguos, dinâmicos ou que havia aumentado a confiança em elaborar, juntamente comigo, uma versão mais apurada. Um exemplo é de uma mãe, que eu já havia entrevistado e que conhecia há mais de seis meses, que, sem eu esperar, começa a me contar o seu sofrimento de ver o filho se casar na Itália e não querer mais se inserir no projeto de retorno da família ao Brasil no momento em que a casa no país de origem ficava pronta. Ela enfatizou que não sabia mais o que iria fazer da vida. Este depoimento e outros aqui reproduzidos são reveladores de como, nos projetos da reunião familiar, estão intrincadas as decisões e experiências migratórias.

Durante a pesquisa, algumas mulheres fizeram questão de me telefonar para falar de mudança de projeto de retorno e me contar sobre um novo emprego ou um novo local para morar. Isto pode ser visto não apenas como a necessidade de me atualizar sobre a entrevista realizada, mas a necessidade de mostrar as conquistas num processo tão incerto no qual as reconstruções devem ser elaboradas no convívio social e também comemoradas.

Nesta pesquisa, foi demonstrado que, para muitas mulheres migrantes, há de fato muitas conquistas, ao mesmo tempo em que cresceram também para muitas mulheres suas responsabilidades financeiras, principalmente quando a família passa a depender muito de sua renda familiar.⁴¹⁶ A saída das mulheres do país de origem também vem contribuindo

416 SOUSA, Isabela C. F. de. A integração de imigrantes brasileiras em Roma: conquistas e dificuldades. *Imaginário – USP*, São Paulo, v. 13, n. 14, p. 399-415, 2007.

do para uma nova divisão dos cuidados familiares e de saúde, quando parceiros e parentes são chamados a desempenhar atividades até então desempenhadas pelas mulheres que migrarão. O trabalho de mulheres cuidadoras de outras famílias no estrangeiro foi bem estudado por Zarembka,⁴¹⁷ que enfatiza que, apesar do ganho financeiro, nessa prática há uma grande perda do afeto para as famílias no país de origem. Portanto, como podem ser muitas as dificuldades que muitas mulheres migrantes sofrem, seja no manejo das suas responsabilidades, na delegação dos cuidados familiares e de saúde e na adaptação no país de acolhida, algumas associações religiosas ou da sociedade civil tentam ajudá-las e/ou capacitá-las. Há inegavelmente algumas barreiras enfrentadas pelas imigrantes que podem ser atenuadas e, em alguns casos, até mesmo removidas quando buscam associações em prol de seus direitos. De acordo com Batliwala (1994),⁴¹⁸ "Através da capacitação, as mulheres ganham acesso a novos mundos de conhecimento e podem começar a fazer novas escolhas informadas, tanto a nível pessoal como na vida pública" (p.132).

No entanto, é importante assinalar que o fortalecimento das mulheres não é uma tarefa fácil de realizar. Por isso, é importante continuar a pesquisar o empoderamento das mulheres, especialmente em condições difíceis de rupturas, como a experimentada por populações migrantes. Considerando o ponto de vista das mulheres imigrantes, mais medidas sociais podem ser tomadas em seu favor, seja nas instituições do país de origem, seja nas do país de destino.

Conclusões

Apesar de serem muitas as rupturas vivenciadas pelas mulheres, muitas se superam e se sentem fortalecidas por suas conquistas psicológicas, sociais, culturais e ou materiais advindas do processo migratório. Os estágios de luto propostos por Elisabeth Kübler-Ross podem iluminar os sentimentos envolvidos em processos de mudanças, como o dos imigrantes. Estes podem ser mais facilmente caracterizados e compreendidos à luz de uma teoria que proponha estágios que não são lineares. Destaca-se que os sentimentos difíceis experimentados no processo migratório não são estanques, e os relatos evidenciam como também são pontuados de uma grande capacidade de recriações. Assim, embora a migração envolva perdas, os migrantes se movem pela possibilidade de recriar a vida. É este movimento que é positivo, de saúde e de vida. Quando a migração ocorre, fortemente impulsionada por uma perda anterior, esta positividade pode ser mais facilmente visualizada. Um dos primeiros passos para essas recriações parece ser o de vivenciar os sentimentos de aceitação da vida como ela é possível em uma nova sociedade.

Contudo, a migração há muito tempo não vem sendo mais vivida como costumava ser no passado, um processo tão linear e determinante. Cada vez mais a migração é um processo de idas e vindas e transnacional.⁴¹⁹ Algumas populações migrantes continuam

417 ZAREMBKA, Joy M. Panni sporchi d'America: domestiche migranti e nuove schiavitu. In: EHRENREICH, Barbara; HOSCHSCHILD, Arlie R. *Donne globali*. Tate, colf e badanti. Tradução de Valeria Bellazzi e Antonio Bellommi. Milão: Feltrinelli, 2004. p. 145-157.

418 BATIWALA, Srilatha. The meaning of women's empowerment. New concepts from action. In: SEN, Gita; GERMAIN, Adrienne; CHEN, Lincoln C. Population policies reconsidered. Health empowerment and rights. Harvard series on population and international health. Boston: Harvard School of Public Health. 1994. p. 127-138.

419 MONKMAN, Karen. Transnational migration and learning processes of Mexican adults constructing lives in California. *International Journal of Education Development*, Oxford, n. 19, p. 367-382, 1999; SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: a new analytical framework for understanding migration. In: (Eds.). *Towards a transnational perspective on migration*. Race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered. *Annals of the New Academic of Sciences*, Nova York, v. 645, p. 1-24, 1992.

a manter laços fortes e retornam com frequência para os seus países de origem. Esta expectativa da retomada parece marcá-las profundamente.

E para entender as recriações humanas há necessidade de maiores estudos no processo migratório sobre os novos meios de comunicação. Os sentimentos da integração social vivido por imigrantes podem vir a ser experimentados de forma muito diferenciada por causa desses meios. Eles podem influenciar no apaziguamento ou no acirramento de sentimentos de pessoas interagindo em locais tão diversos do planeta. Menegazzo,⁴²⁰ por exemplo, ilustra esta potencialidade de conversas por intermédio do computador entre pessoas vivendo em países diferentes.

Na época da pesquisa, o computador era usado principalmente para diminuir o gasto com os telefonemas. Computadores não eram tão acessíveis, e ainda não era tão comum o uso da imagem no computador. Os contatos por telefones fixos e celulares eram constantes. A população do estudo já se comunicava mais por celulares. Mas também havia a necessidade simbólica de manter relações com o Brasil, o que se revelava no desenvolvimento de novas amizades com outros brasileiros na Itália, festejos com comidas típicas e o planejamento de futuros projetos no país de origem. O relato de envio de remessas pode também ser visto como um sinal simbólico de investimento no Brasil que não pode ser pensado apenas como material, mas também psicológico e social.

Hoje, as novas formas de comunicação contribuem para que os imigrantes tenham muito mais informações. Muitas entidades de brasileiros no mundo inteiro se organizaram para conquistar seus direitos juntamente com o Ministério das Relações Exteriores. Os brasileiros de qualquer lugar podem acessar o site <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br>> para obter informações pertinentes à conquista de direitos. Os consulados também procuram dialogar por meio das novas formas de comunicação na internet. No caso de Roma, o site a ser consultado é o <<http://www.consbrasroma.it>>, em que há informações que podem ajudar no dia a dia dos brasileiros, como: *Cartilha de orientação jurídica aos brasileiros no exterior*, o *Manual de boas práticas dos consulados* e *Ouidoria Consular do Ministério das Relações do Exterior*. Estas informações podem ser usadas instrumentalmente e criticamente pelos brasileiros e por todos que trabalham para suavizar as rupturas e a aumentar as recriações dos imigrantes.

Agradecimentos

Agradeço muito a confiança de todos os imigrantes que conversaram comigo e deram seus depoimentos. Sou imensamente grata ao encorajamento de Helion Póvoa Neto, coordenador do Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios do Rio de Janeiro (Niem-RJ). Agradeço as inesquecíveis contribuições da Dra. Antonella Pinnelli e do Dr. Salvatore Strozza, do Departamento Demografia da Università Degli Studi "La Sapienza" em Roma, Itália. Nessa universidade, reconheço o importante apoio administrativo de Elizabetta Egidi, Anna Frullini, Elizabetta Maglieta, Cristina Putteo e Giovanna Bianco. Finalmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pelo financiamento (processo número BEX: 0388/03-03) para esta pesquisa.

420 MENEGAZZO, Elson C. *Al de là del Piave: italianos e estrangeiros na comunicação mediada por computadores*. Marília, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista.

Referências

- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BATIWALA, Srilatha. The meaning of women's empowerment. New concepts from action. In: SEN, Gita; GERMAIN, Adrienne; CHEN, Lincoln C. *Population policies reconsidered*. Health empowerment and rights. Harvard series on population and international health. Boston: Harvard School of Public Health. 1994. p. 127-138.
- BÓGUS, Lúcia Maria Machado. Migrantes brasileiros na Europa Ocidental: uma abordagem preliminar. In: PATARRA, Neide L. (Org.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo*. Programa Interinstitucional. Campinas: Editora da Unicamp, 1995. p. 111-121.
- _____; BASSANEZI, Maria Sílvia C. Beozzo. Brasileiros(as) na Itália: nuovi cittadini ou extracomunitari? In: CASTRO, Maria G. (Org.). *Migrações internacionais: Contribuições para políticas*. Brasília: CNPD, 2001. p. 409-425.
- BONIFAZI, C. et al. Measuring migrant integration in the nineties: the contribution of field surveys in Italy. *Studi Emigrazione / Migration Studies*, Roma, v. 40, n. 152, p. 855-884, 2003.
- CARITAS ROMA. *Immigrazione Dossier Statistico 2002*. XII Rapporto sull'immigrazione – CARITAS / Migrantes. Roma: Nuova Anterem, 2002.
- _____. *Immigrazione Dossier Statistico 2003*. XIII Rapporto sull'immigrazione – CARITAS / Migrantes. Roma: Nuova Anterem, 2003.
- D'ANGELO, Alessio. L'immigrazione latinoamericana in Italia. Spunti d'analisi statistica-demografica. In: CONVEGNO INTERNAZIONALE: I LATINOS ALL SCOPERTA DELL'EUROPA. Nuove migrazioni e spazi della cittadinanza. Gênova, , 2004.
- KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a morte e o morrer*. São Paulo: Martins, 1985.
- MENEGAZZO, Elson C. *Al de là del Piave: italianos e estrangeiros na comunicação mediada por computadores*. Marília, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista.
- MONKMAN, Karen. Transnational migration and learning processes of Mexican adults constructing lives in California. *International Journal of Education Development*, Oxford, n. 19, p. 367-382, 1999.
- SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: a new analytical framework for understanding migration. In: _____. (Eds.). *Towards a transnational perspective on migration*. Race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered. *Annals of the New Academic of Sciences*, Nova York, v. 645, p. 1-24, 1992.
- SOUSA, Isabela C. F. de. A integração de imigrantes brasileiras em Roma: conquistas e dificuldades. *Imaginário – USP*, São Paulo, v. 13, n. 14, p. 399-415, 2007.
- SUTTON, Constance. Some thoughts on gendering and internationalizing our thinking about transnational migrations. In: SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina (Eds.). *Towards a transnational perspective on migration*. Race, class, ethnicity, and nationalism reconsidered. *Annals of the New Academic of Sciences*, Nova York, v. 645, p. 241-249, 1992.
- ZAREMBKA, Joy M. Panni sporchi d'America: domestiche migranti e nuove schiavitu. In: EHRENREICH, Barbara; HOSCHSCHILD, Arlie R. *Donne globali*. Tate, colf e badanti. Tradução de Valeria Bellazzi e Antonio Bellommi. Milão: Feltrinelli, 2004. p. 145-157.
- ZLOTNIK, Hania. *The global dimensions of female migration*. 2003. Disponível em: <www.migrationinformation.org/Feature/display.cfm?ID=109>. Acesso: 1 ago. 2004.